

PENSAR, REPENSAR, REINVENTAR E INVENTAR A VELHICE

Em sua 13ª edição, a Revista Ao Largo se dedica ao tema do envelhecimento. Para captar o assunto em sua complexidade, reunimos perspectivas teóricas diversas e multidisciplinares. Sem deixar de enfrentar as formas de exclusão da velhice (seja simbólicas, econômicas, históricas ou raciais), os artigos encontram também maneiras distintas de resistência e caminhos de reinvenção. Essa articulação entre a reflexão crítica sobre as complexidades do real e a busca por caminhos de resistência combina com o espírito do Pró-Saber.

A edição inicia com uma conversa com a reitora do Pró-Saber Maria Cecília Almeida e Silva. Ao mesclar memórias, vivências e reflexões pessoais, Maria Cecília fala sobre o envelhecimento a partir de uma perspectiva singular, colocando como questão central o significado de habitar essa etapa da vida. Com uma reflexão ancorada na ideia de graça, a conversa destaca desafios e potências do envelhecimento, ao mesmo tempo em que evita o risco de uma idealização sobre a velhice.

A seguir, no primeiro artigo da edição, a psicanalista Helia Borges propõe pensar (e viver) o envelhecimento fora da lógica de decadência e impotência em que foi confinado. A partir de autores como Achille Mbembe e Paul B. Preciado, o texto investiga como capitalismo e colonialismo erigem práticas excludentes, em que a juventude e a produtividade são privilegiadas em detrimento de outros ritmos de vida. Ao recusar a morte ainda em vida imposta aos que envelhecem, o texto aponta que, apesar das dores próprias do envelhecer – e sem buscar amenizá-las –, é possível (re)descobrir um corpo que cuida de si, se abre para o novo, é atravessado por sensações, memórias, alegrias, e inventa modos inéditos de existir.

A seguir, o filósofo Pedro Sússekind apresenta uma reflexão sobre a tragédia de rei Lear em diálogo com as teorias de Foucault e Erasmo de Rotterdam sobre o tema da loucura. Nesse cruzamento de ideias, o artigo aborda mutações ocorridas no mundo ocidental nas concepções de loucura e velhice. Entre os séculos XVI e XVII, época de escrita da tragédia, o envelhecimento esteve associado ao retorno a uma segunda infância, segundo um pêndulo que oscila entre a sabedoria e a loucura. Desse modo, o percurso de rei Lear na peça se configura como uma trajetória em que perda da razão se entrelaça ao desvelamento da verdade.

No terceiro artigo, Natália Negretti, doutora em Ciências Sociais, investiga a relação entre envelhecimento, memória e colonialidade no Brasil. O texto toma como base o conceito de “paisagens de velhices”, que articula formas de envelhecimento historicamente invisibilizadas: velhices escravizadas e ex-escravizadas, velhices de rua e na prisão. Para compreender a exclusão e o abandono de idosos no presente, o texto vai até a Lei dos Sexagenários (1885), que prometia liberdade a pessoas escravizadas com mais de 60 anos, mas, na prática, funcionou como um mecanismo de descarte e desresponsabilização do Estado.

Por fim, no último artigo, o médico sanitário e doutor em Medicina Preventiva Nivaldo Carneiro Junior e o doutor em Planejamento Territorial Rodrigo Cardoso Bonicenna analisam desafios para as políticas públicas diante do aumento no número de pessoas idosas que moram sozinhas no Brasil. A partir de dados demográficos do Censo de 2022 e de um estudo multicêntrico, os autores destacam a importância da atuação da Rede de Atenção à Pessoa Idosa para a prestação de serviços em áreas como saúde, esporte e assistência social, apontando obstáculos estruturais que comprometem a efetividade dessas iniciativas e precisam ser enfrentados, como o subfinanciamento e a necessidade de capacitação dos profissionais da área.

Convidamos, por fim, à leitura dos artigos, na esperança de que essa abordagem múltipla abra novos caminhos de reflexão – seja para ressignificar o passado, fortalecer resistências no presente ou imaginar novas possibilidades para o futuro.